

*Aos quatorze anos eu partii
deste mundo para o mundo espiritual.*

*Fui acometida por terrível doença nos pulmões,
até então sem cura. Meus pais levaram-me para viver
no campo, na esperança que me restabelecesse,
mas foi em vão.*

*Mamãe se culpou tanto. Tanto.
Anos de culpa, por ter achado que poderia ter feito
algo diferente, para evitar a minha partida.
Veio a definhando ao longo dos anos, indiferente aos
apelos de meu pai, alheia às necessidades
das minhas irmãs menores.*

*Minha mãe deixou seu corpo carnal
devido ao mesmo problema de saúde que eu.
Desencarnou em uma sexta-feira chuvosa,
como suicida.*

*Depois de minha partida, ela buscou a morte na
negligência de sua saúde e na culpa que carregava.
Assim partiu para o Vale dos Suicidas.*

*Trabalhei longos dias, semanas, meses.
Trabalhei incansável, buscando ajuda para ela.
Minha mãezinha. Mas ela se recusava a aceitar.*

Seu maior erro foi acreditar que poderia ter feito algo para evitar minha passagem.

Não. Ninguém pode.

*A porta da passagem se abre quando tem que abrir.
É assim que acontece. Ninguém tem culpa.*

*Foram anos difíceis, até que minha mãe acordou do transe em que se encontrava.
E finalmente nos encontramos.*

*Pouco a pouco ela se recuperou.
Encontramos meu pai e mais tarde nos reunimos com as gêmeas.*

Hoje vivemos no plano espiritual, trabalhamos na colônia e seguimos orientando nossos irmãos logo nos primeiros momentos do seu desencarne, quando chegam aqui.

A minha história e de meus entes queridos eu contei, para que aceitem, quando a porta bendita do desencarne se abrir para um ente querido.

*Não se desespere. Abençoa-o e à sua jornada.
Em breve, todos estarão juntos novamente.*

Marilene Dias Cunha